

Comunicação e transgeneridade: a imagem midiática do crossdressing na experiência de Laerte Coutinho

Communication and transgenderism: the mediatic image of crossdressing in Laerte Coutinho's experience

Hadriel Geovani da Silva THEODORO¹
Denise COGO²

Resumo

Neste artigo propomos uma abordagem exploratória acerca da imagem midiática do crossdressing em suas vinculações com os processos de visibilidade das identidades transgêneras. O objetivo é refletir sobre esta vivência a partir da análise das narrativas de Laerte Coutinho contidas em entrevistas veiculadas em dois programas de televisão: *De frente com Gabi* e *Roda Viva*. Também buscamos verificar as continuidades e descontinuidades da construção midiática das identidades de gênero no tocante às auto-narrativas em sua página pessoal no site de rede social Facebook. Em suma, verificamos nas entrevistas um esforço de normatização de Laerte por meio de binarismos que não apreendem as especificidades de sua identidade transgênera. Já no Facebook, pudemos observar que Laerte apresenta uma forte militância em prol da comunidade LGBT além de se expressar de modo mais livre em relação a esses mesmos enquadramentos.

Palavras-chave: Identidades de gênero. Mídia. Crossdressing. Transgeneridade.

Abstract

In this paper we propose an exploratory approach on the media image of cross dressing in its links to the processes of visibility of transgender identities. The objective is to reflect about this experience through the analysis of Laerte Coutinho's narratives contained in interviews transmitted on two television programs: *De frente com Gabi* and *Roda Viva*. We also seek to verify the continuities and discontinuities of media construction of gender identities with respect to self-narratives on his/her personal page on the social networking site Facebook. In short, we find in the interviews an effort of normalization of Laerte through binarisms that do not apprehend the specificities of his/her transgender identity. In relation to Facebook, we observed that Laerte has a strong militancy in favor of the LGBT community and express him/herself more freely in respect of those delimitations.

Keywords: Gender identities. Media. Crossdressing. Transgenderism.

¹Mestrando do Programa em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. Bolsista Capes. E-mail: hgtheodoro@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. Pesquisadora do CNPq. E-mail: denisecogo2@gmail.com

Introdução

O gênero nos define de forma constante, acompanha nossas trajetórias de vida e se faz presente na cotidianidade das relações interpessoais. Cada sociedade e cada cultura, entretanto, criam modelos identitários no tocante ao gênero, estabelecendo suas próprias variedades e limitações. Comumente, estas identidades se associam à biologia dos corpos, naturalizando e cristalizando arquétipos do feminino e do masculino, e as diferenças daí decorrentes (BOURDIEU, 2014). Este binarismo engendra as identidades de gênero em uma condição hermética, cujo reflexo recai nas estruturas e práticas sociais, incluindo aquelas relacionadas à indumentária.

O ato de vestir-se está profundamente arraigado ao gênero, representando sua exteriorização: as roupas adquirem uma potencialidade midiática em significá-los, desempenhando suas distinções sociais e culturais; uma pseudolinguagem que diz ao outro quem somos (MILLER, 2013). Estabelece-se, deste modo, uma dicotomia que fundamenta categorizações da indumentária para aquilo que consideramos que uma mulher ou um homem devam portar. Mas, o liame entre o corpo e a roupa não é um processo estanque, ao contrário, faz-se em um jogo por significados e construções identitárias múltiplas, nas quais o sujeito, através de seus usos, singulariza-se (KELLNER, 2001).

Uma vez que compreendemos que as roupas se inserem numa ação comunicacional dialógica no interior da cultura, fissuras entre ela e as identidades de gênero se tornam possíveis. Isso é justamente o que ocorre com o *crossdresser*, pessoa que “pode ser definida como alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do “sexo oposto” ao “seu sexo biológico”” (VENCATO, 2008, p.2). No *crossdressing*, portanto, há uma transgressão de normas estabelecidas para o gênero, permitindo que o sujeito circule por entre suas construções identitárias, recompondo-as, modificando-as e as ressignificando. Todavia, esta ainda é uma prática muito pouco conhecida no Brasil e quase sempre é tomada de forma preconceituosa, numa ratificação da repressão sociocultural à transgeneridade, pois, assim como outras experiências *trans*, o *crossdressing* também é estigmatizado. Mas, e quando este sujeito-

transgressor rompe os invólucros da invisibilidade e do mutismo e passa até mesmo a ser visibilizado na mídia?

Laerte Coutinho, cartunista nacionalmente reconhecido³, é um exemplo desta visibilidade. Desde 2009, quando passou a utilizar roupas e acessórios femininos em público, assumindo ser praticante do crossdressing, Laerte vem chamando a atenção da mídia, sendo pauta de inúmeras reportagens, entrevistas e programas de televisão, a corroborar um interesse midiático acerca de seu travestir-se. Contudo, esta visibilidade não pode ser naturalizada; demanda uma averiguação reflexiva e crítica. Haja vista que a mídia também atua como uma instituição normalizadora e heterossexista (MISKOLCI, 2013) e congrega as ideologias e interesses do próprio meio, representando o que Van Dijk (2008) nomeia de “elite simbólica”, é pertinente verificarmos como ela apreende o crossdressing e se o constrói a partir de uma ótica da diversidade ou da diferença. De fato, a mídia busca entender o crossdressing em suas particularidades ou categorizá-lo sob o princípio restritivo mulher-homem?

É justamente com o intuito de refletir sobre tais questionamentos que neste artigo pretendemos nos debruçar sobre a imagem midiática englobada na prática do crossdressing, a partir da experiência de Laerte Coutinho. Objetivamos compor uma análise crítica desta visibilidade das identidades e das vivências *trans*, com base em entrevistas concedidas pelo cartunista nos programas de televisão “De frente com Gabi” e “Roda Viva”, produzidos e veiculados respectivamente pelas emissoras SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) e TV Cultura. Nestas, focalizaremos as narrativas midiáticas acerca da construção das identidades de gênero de Laerte, demarcadas por esforços de circunscrição classificatórios, estabelecendo um contraponto com suas auto-narrativas no site de rede social Facebook. Buscamos situar as continuidades e descontinuidades entre as auto-narrativas do crossdresser, do sujeito-trans, e aquelas elaboradas pelos dois programas supracitados, contribuindo, assim, para uma maior compreensão da imagem midiática do crossdressing e da transgeneridade, além de fomentar os estudos de comunicação que tangenciam a temática.

³ No presente artigo deliberamos pela supressão de determinantes de gênero na língua portuguesa quando nos referirmos a Laerte Coutinho, substituindo-os por “x”. Esta decisão reside no fato de não classificá-lo tendo como base os moldes convencionais normatizados no desígnio do gênero, nem à feminilidade ou masculinidade. Além disso, almejamos conceder um espaço para que o leitor “preencha” este significado ausente de acordo com seu próprio repertório e impressões acerca de Laerte, reflexivamente.

Crossdressing, transgeneridade e LaerteCoutinho

Segundo Vencato (2008), a prática crossdressing é fluida e dinâmica, englobando maneiras e circunstâncias diversas. O que as aproxima são os usos que o crossdresser faz de um conjunto de elementos materiais e subjetivos, socialmente institucionalizados ao sexo biológico oposto ao seu, dos quais se valem na composição de uma outra identidade de gênero. Assim, os crossdressers transitam entre os domínios do feminino e do masculino, ressignificando a ambos num processo perene de transformação dos corpos, das materialidades e também dos discursos.

Como já mencionado, o crossdresser estabelece uma relação com as propriedades que considera pertencentes ao sexo oposto muito fortemente através dos suportes que utiliza em seu corpo. A indumentária é o principal deles, através da qual constituem identidades de gênero diferenciadas. Mas tanto a indumentária quanto o entendimento acerca do sexo biológico são definidos por objeção. Ser significa não ser. Pertencer, não pertencer. Agir, não agir. E assim continuamente nos níveis que edificam o que se considera social e culturalmente como mulher ou homem. Então, visto que as roupas demarcam o corpo em sua dimensão física, induzindo corporalidades características, elas instituem uma diferenciação circunspecta do gênero por meio de limitações de códigos sexuais. Para o crossdresser⁴, essa transgressão às imposições de gênero que incidem sobre a indumentária lhe é importante na constituição de suas identidades de gênero, pois como aponta Vencato (2008, p.2):

Para algumas das pessoas que sentem desejo por vestir-se com roupas socialmente atribuídas a “outro sexo” ou “outro gênero”, o desejo de “se montar” ou “se vestir” e a efetivação dele constituem-se em importantes experiências, algo que é descrito como singular e importante para suas auto-estimas, suas auto-imagens e para sua percepção enquanto uma pessoa “completa”.

No plano contextual, por mais que o conceito de *pós-modernidade* ofereça essas possibilidades de construções identitárias heterogêneas, já que as identidades

⁴ O crossdressing não é uma prática exclusiva masculina, apesar de ser mais comum entre os homens (VENCATO, 2008; GARCIA, 2010). Neste artigo, utilizamos “o crossdresser” de modo genérico, para referenciar todo e qualquer praticante do crossdressing.

tradicionais e as grandes narrativas começam a ruir, gerando passagens para que novas emerjam (KELLNER, 2001; HALL, 2005), a indumentária e a identidade social continuam a fazer parte de “um processo de luta e conflito social entre modelos e ideologias opostas” (KELLNER, 2001, p. 339), pois vivenciamos, segundo Hall (2013), uma abertura ambígua à diferença: ao mesmo tempo em que é facultada, assomam-se resistências agressivas a ela. Isso significa que o crossdresser precisa a todo momento buscar uma legitimação e espaços para que o travestir-se lhe seja possibilitado, porque a prática ainda é alvo de discriminações e prejuízos de valor. Neste sentido, acaba tendo que “negociar com várias dificuldades, tratar a prática como algo que deve permanecer apenas no privado e, preferencialmente, em segredo” (VENCATO, 2008, p. 3).

Por outro lado, muito embora o crossdressing viabilize uma atividade singular e complementar às identidades de gênero, ao ser efetivado, ratifica as próprias concepções de feminino ou masculino, mulher ou homem. Dado que as identidades de gênero do crossdresser geralmente estão desassociadas umas das outras, por mais flexões e influências que possam acarretar, “a frequente separação dos *eus* masculino e feminino como absolutamente distintos mostra a manutenção da dicotomia de gêneros presente em nossa sociedade” (GARCIA, 2010, p. 91). Assim, mesmo que o crossdressing contenha uma transgeneridade, ele acaba sendo balizado pelas imposições no âmbito das relações sociais que desarticulam o feminino e o masculino. O crossdresser, por conseguinte, segue esta orientação, colocando tais categorias em situações e ambiências singulares, nas quais suas vivências são permitidas. É por esse motivo que Vencato (2008) assevera que o crossdressing permanece muito mais na esfera no privado, protegido de preconceitos e estigmas fomentados contra aqueles que arriscam transgredir as marcas limítrofes de uma identidade de gênero bifásica. Mas Laerte Coutinho, ao se expor pública e midiaticamente travestido, dá um passo além.

Destacamos também que o crossdressing não está estritamente condicionado à sexualidade, sendo que a orientação ou desejo sexual do crossdresser não diz respeito necessariamente à homossexualidade. Como argumentam Vencato (2008) e Garcia (2010), por exemplo, grande parte de seus adeptos se consideram heterossexuais e possuem relacionamentos com pessoas do sexo oposto ao seu, mesmo que elas por vezes não tenham conhecimento de seu travestir-se.

Considerando as perspectivas discutidas até aqui, constatamos que o crossdressing é uma prática complexa, perpassada por múltiplas dimensões, sendo esta contextualização necessária para que possamos compreender a experiência de Laerte Coutinho.

Com uma longa carreira como cartunista, Laerte, nascido em 1951, trabalhou para diversos veículos de comunicação, como revistas, jornais e televisão. Na edição de setembro de 2010 da Revista Bravo, Laerte tornou público ser praticante do crossdressing, numa entrevista a Armando Antenore, na qual diz:

Em 2009, por causa do aguçamento de minhas neuras existenciais, procurei um clube decrossdresser, frequentei reuniões organizadas pelo grupo e li a respeito do assunto. Depois, lentamente, agreguei enfeites femininos à indumentária masculina - brincos, colares, unhas pintadas. Hoje, dependendo da ocasião, me visto como mulher dos pés à cabeça, mesmo em lugares públicos, onde acabo passando despercebido. Outras vezes, ponho somente uma bijuteria, um esmalte. De início, meus filhos, minha namorada e meus amigos chiaram. Agora, já se acostumaram. Ou quase⁵.

Figura 1: Laerte Coutinho



Fonte: <https://www.facebook.com/laerte.coutinho?fref=ts/>

Após esta entrevista, Laerte passou a ser constantemente agendado por outras mídias para conceder declarações sobre esta sua “nova fase”, incrementando uma visibilidade englobada na transgeneridade de sua imagem. Além da exposição midiática, Laerte, desde então, milita em prol de causas LGBT⁶. Assim sendo, precisamente por

⁵ A Revista Bravo deixou de ser publicada pelo Grupo Abril em 2013. A entrevista completa por ser acessada pelo link: <http://www.armandoantenore.com.br/entrevistas/laerte-tenho-vergonha-de-quase-tudo-que-desenhei>

⁶ A sigla designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Pode apresentar a variação LGBTIQ, na qual as duas últimas letras se referem aos intersexos e queer.

representar fomenta na mídia uma imagem e corporalidade transgêneras, enquanto praticante do crossdressing, tomamos a experiência de Laerte para análise.

Narrativas midiáticas e a categorização das identidades de gênero de Laerte

No dia 12 de fevereiro de 2012, Laerte participou do programa *De frente com Gabi*, veiculado à meia-noite de domingo para segunda-feira na emissora de canal aberto SBT, criada em 1981 e cujo público principal é a classe média e baixa⁷. Já no dia 20 de fevereiro de 2012, concedeu uma entrevista ao *Roda Viva*, um dos principais programas de entrevistas da televisão brasileira, que vai ao ar desde 1986 pela TV Cultura, emissora pública com um viés educativo e cultural, fundada em 1960.

A escolha desses programas reside no fato de se tratarem de entrevistas de longa duração, com mais de 45 minutos cada, e terem sido realizadas em emissoras diferentes, o que nos permite abordar as continuidades e descontinuidades entre as narrativas formuladas. Além disso, o formato dos dois programas também não é idêntico: em *De frente com Gabi* há apenas um entrevistador e o programa é gravado; *Roda Viva* é transmitido ao vivo nas noites de segunda-feira e possui um apresentador fixo e entrevistadores convidados, que se alternam a cada semana. A análise dos programas se desdobra, pois, na exemplificação empírica da composição de uma imagem midiática das vivências transgêneras de Laerte. Iremos nos deter principalmente sobre a necessidade classificatória de suas identidades de gênero, passada pelos termos estéticos para designar o ato de se travestir, as arquiteturas de gênero e também a sexualidade.

*

Na participação de Laerte em *De frente com Gabi* e *Roda Viva*, há uma introdução feita pelos apresentadores antes de começar a entrevista com ele. Em ambas, procura-se compor um enquadramento binário de suas identidades de gênero, como podemos verificar a seguir:

De frente com Gabi: Hoje estou de frente com um dos mais importantes cartunistas brasileiros. Laerte Coutinho, ou simplesmente Laerte, nasceu e mora em São Paulo, cidade que o inspira profissionalmente. Em 40 anos de carreira, ele criou, desenhou e popularizou personagens inesquecíveis, como Overman e Piratas do Tietê (...). Em 2009, depois de enfrentar uma crise pessoal e profissional, o cartunista surpreendeu a todos ao

⁷ Este é o público-alvo reconhecido pela própria emissora. Para saber mais: <http://www.sbt.com.br>

aparecer vestido de mulher e assumir publicamente que é adepto do crossdressing e declarar: “sou uma travesti”.

Roda Viva: Criador ou criatura? Homem ou mulher? Banheiro feminino ou banheiro masculino? Em 2009, o cartunista Laerte Coutinho trocou o tênis pelo salto alto e sai às ruas vestido de mulher, uma atitude que gera espanto, polêmica e reações as mais diversas. (...) O que motivou essa mudança radical? Os desafios de ir à padaria de meia-calça. Os segredos da depilação. E claro, os rumos dos quadrinhos brasileiros são os temas da nossa conversa com o cartunista Laerte Coutinho.

Observamos que no relato introdutório dos programas alguns elementos se destacam no sentido de categorizar as identidades de gênero de Laerte. O primeiro deles é o uso de artigos e pronomes no masculino: tratado como “o cartunista”, Laerte, mesmo apresentando uma imagem transgênera, é previamente alocado nos campos do gênero masculino, uma vez que a língua, constituinte e resultante da cultura, também marca essa distinção. Em aditamento, ao explicitar a teoria da complementaridade de Jacques Derrida, Miskolci (2007, p. 3) assevera que “nossa linguagem opera em binarismos, de forma que o hegemônico só se constrói em uma oposição necessária a algo inferiorizado e subordinado”. Assim, esta simples colocação, faz com que não negligenciemos que a descrição é uma construção arquitetada sobre a imagem e as identidades de Laerte transmitidas aos públicos, a corroborar que tanto a linguagem quanto a mídia desempenham um papel relevante na construção da subjetividade, através da qual nós significamos a reprodução de uma certa ideologia (FISKE, 1987).

Em vista desta conceituação, Laerte ainda é tidx como o hegemônico, pois o uso deliberado do masculino permanece associado à condição biológica e anatômica de seu corpo, evidenciando uma naturalização do entendimento acerca das identidades de gênero. Bourdieu (2014, p. 46) afirma que “os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem (...) sobre a forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética”. Ou seja, ao introduzirem Laerte, os apresentadores Marília Gabriela e Mario Sergio Conti instauram seu *confinamento simbólico* ao universo masculino (Idem).

No caso do programa Roda Viva, esta categorização é posta em jogo logo na primeira questão de Mario S. Conti a Laerte: “Uma pergunta prévia: você prefere que a gente te chame de senhor, senhora, senhorita? Como devemos nos referir a você?” Confirma-se, novamente, uma necessidade de categorização das identidades de gênero

de Laerte através dos usos de uma linguagem binária, seccionada entre o feminino e masculino, impedindo matizes. “Senhor”, “senhora” ou “senhorita” são pronomes de tratamento que congregam esta divisão dos gêneros em esferas oclusas: ao questionar como devem se referir a Laerte, dando como opção estas categorias, automaticamente se busca um enquadramento de Laerte numa identidade ou feminina ou masculina, num afastamento da intenção de uma maior compreensão sobre sua transgeneridade.

Por sua vez, Laerte descontrói esta tentativa de enquadramento ao responder: “Eu tenho dito que eu tenho dupla cidadania. Eu mesmo falo... Oh... Eu me refiro a mim no masculino e no feminino.” Isso possibilita que compreendamos suas identidades e imagens inseridas em um constante trânsito entre os gêneros. Mas Mario S. Conti faz uma tréplica: “Você não tem nenhuma preferência?”, a qual Laerte responde, sem desvios: “Não”. No transcorrer das entrevistas Marília Gabriela, Mario S. Conti e os convidados do Roda Viva se reportam a Laerte ora pelo feminino ora pelo masculino, demonstrando que essa abertura, disposta por ele no que concerne ao seu tratamento, fluidifica o modo de compreendê-lo através da linguagem.

Esta proposição classificatória em relação ao gênero repercute concomitantemente ao ato de travestir-se, devido ao termo “vestido de mulher”, que revela o ponto de vista sobre Laerte enquanto um homem cuja existência de formas sancionadas do feminino e do masculino no que se refere à indumentária. Seria por esta razão que Laerte subverte os modelos hegemônicos do gênero; mas não sem consequências, haja vista que, como Marília Gabriela diz, ele “surpreendeu a todos ao aparecer vestido de mulher”, e para Mario S. Conti o ato de portar itens considerados femininos “gera espanto, polêmica e reações as mais diversas”. Palavras como “crise” e “mudança radical” para descrever as transformações que Laerte efetivara em seu corpo, identidades e experiências de vida reiteram uma posição de quebra da normalidade, de transgressão.

A procura pela normalização realizada na apresentação de Laerte no Roda Viva fica ainda mais evidente no sentido de que, ao descrevê-lo, Mario S. Conti faz perguntas cuja resposta se estabelece por oposição às opções dadas: “Criador ou criatura? Homem ou mulher? Banheiro feminino ou banheiro masculino?” Como as maneiras de ser homem ou mulher não derivam das corporalidades, dos genitais, mas, sim, “de aprendizados que são *culturais*, que variam segundo o momento histórico, o lugar, a

classe social” (PISCITELLI, 2009, p. 124, grifo da autora), a concepção hermética das perguntas realizadas por Mario S. Conti aos espectadores quando introduz Laertesinaliza a subsistência de modelos de ser e experienciar as identidades de gênero, assim como suas arquiteturas, que institucionalizam lugares predeterminados de frequência e pertencimento. Miskolci (2013) intitula esta característica de “impulso normalizador”, também atuante, como podemos notar, nas mídias. Por que não podemos ser criador e criaturas de nós mesmos? Porque não podemos ser mulheres e homens ao mesmo tempo, aceitando a feminilidade e a masculinidade que nos integram? Por que nos obrigamos a usar o banheiro feminino ou masculino sendo que, na verdade, o que os separa é uma placa, um símbolo?

No que diz respeito aos padrões estéticos para se referir à identidade transgênera de Laerte, dois termos aparecem nas entrevistas: *crossdressing* e *travesti*. Estes também se articulam em divergências, apesar de significarem a ação de travestir-se. *Crossdressing*, palavra de origem inglesa, conteria um status mais elevado, estando ligado a indivíduos de classe média ou alta; já *travestié* uma palavra extremamente estigmatizada, vinculada a indivíduos que, além de serem de classe baixa, prostituem-se. De modo geral, as narrativas midiáticas dos dois programas tratam a transgeneridade de Laerte pelo viés do *crossdressing*. Contudo, em *De frente com Gabi*, quando indagado sobre sua frequência em clubes de *crossdressing*, Laerte pontua:

Laerte: Eu falo sempre travesti, porque o *crossdresser* pra mim não é uma identidade em si. As pessoas se chamam de *crossdresser*, no Brasil, principalmente para distinguir de travesti, porque existe uma prática social no Brasil de considerar o travesti sinônimo de prostituição masculina. Quer dizer, não se pensa travesti como uma coisa técnica, assim: um homem que se traveste, que usa roupas femininas e maquiagem... Pensa-se sempre como prostitutas, como gente hostil, como gente maluca... É um preconceito. É um preconceito forte.

Garcia (2010, p. 95) sustenta que na construção da identidade *crossdresser* o que se salienta “é a necessidade de diferenciá-los [seus praticantes] de outras identidades trans. Isso ocorre especialmente em relação à identidade travesti (...)”, além de que “a constante identificação das *crossdressers* como travestis por parte de terceiros é um elemento tido por elas como problemático, pelo fato de herdarem o estigma social associado às últimas” (GARCIA, 2010, p. 96). Mas Laerte, apesar de se considerar um

praticante do crossdressing, confirma estar ciente da diferenciação entre este e o travestismo, assumindo-se como travesti, na contramão do que os apresentadores, de algum modo, tencionam: categorizá-lx para além de um estigma, de um indivíduo abjeto. Laerte embasa esta proposição ao alegar no Roda Viva: “Eu tenho sido reconhecido como cartunista... Eu tenho sido reconhecido também como uma pessoa que aparece em vídeo, em TV, e tal e tudo... O que acaba conferindo, no caso brasileiro, uma aura de intocabilidade, uma coisa meio de consagração espontânea.” Assim, o fato de aparecer na mídia e de esta lhe conferir uma posição de fala e de visibilidade “blindaria” Laerte da associação com o estigma do travestismo, que elx mesmxx desfaz.

Outro aspecto bastante explorado nas entrevistas, que se insere no mesmo contexto de classificar as experiências trans, é o banheiro. Ao ser interpeladx sobre o assunto, Laerte elucida que certa vez utilizou o banheiro das mulheres em uma pizzaria; posteriormente, entretanto, fora-lhe solicitado pelo gerente do estabelecimento que não mais o fizesse, pois haviam reclamado. Para Marília Gabriela, Laerte explica que chegou a conversar com a cliente que efetuara a queixa, e a mesma lhe disse que sendo homem elx deveria usar o banheiro masculino. No que concerne a esta situação, Marília Gabriela indaga Laerte: “Você naquele dia disse que preferia ir ao banheiro das mulheres. Isso é cada vez mais frequente ou você também deseja ir ao o banheiro dos homens?” No questionamento reparamos que o ato de ir a um ou outro banheiro se referiria ao desejo, a uma vontade de fazer uso daquele espaço de acordo com deliberações individuais, tanto que Laerte responde que isso varia. As identidades de gênero estariam menos ou não condicionadas à tecnologia de gênero imposta pelo banheiro, que, contrariamente, converte-se em momentos de produção e reprodução das disparidades entre os gêneros (MISKOLCI, 2013),

No Roda Viva, quem conversa com Laerte a esse respeito é o cartunista Paulo Caruso, que começa a discorrer sobre o tema da seguinte maneira: “Caso você conseguisse aprovar a liberdade de frequentar o banheiro feminino, você faria em pé ou sentado?” Laerte aparenta ficar incomodadx com a abordagem, mas acaba respondendo que faria em pé, “por causa da minha próstata”. Paulo Caruso rebate com outra pergunta: “E não é mais recomendado o banheiro masculino pra isso?” Logo, constatamos uma narrativa que intenta à naturalização da forma de excreção como um divisor entre mulheres e homens: por urinar em pé, Laerte teria de frequentar o banheiro

dos homens e não o das mulheres. De acordo com Bourdieu (2014), as diferenciações engendradas entre o feminino e masculino enquanto constructo social e cultural também se estende às materialidades. A arquitetura do gênero representada pelo banheiro “das mulheres” ou “dos homens” é, conseqüentemente, apenas mais uma manifestação das diferenças ideológicas e práticas entre o feminino e o masculino. O que observamos é um discurso que mais uma vez corrobora o antagonismo das identidades de gênero, permanecendo condicionada a uma apreensão por meio das corporalidades do indivíduo e não pelo modo como ele constrói sua subjetividade e performatividade de gênero.

Na demarcação das identidades de gênero de Laerte, sua sexualidade adquire igualmente uma centralidade no decorrer das entrevistas. Mario S. Conti pergunta a Laerte: “Durante esse processo você mudou sua orientação sexual?” O processo de transformação de Laerte é enleado *a priori* com a alteração de sua sexualidade, como se fossem interdependentes. Patenteia-se um posicionamento que engessa o sexo biológico à identidade de gênero e, portanto, à orientação sexual, por meio da qual Laerte, ao ter infringido as fronteiras de sua masculinidade, deve cambiar seu desejo sexual. Debateremos previamente que o crossdressing não é uma condição unívoca à homossexualidade, assim como nenhuma identidade trans. Mas não é essa a compreensão que o apresentador faz de Laerte, e o resultado pode ser o estabelecimento de uma dupla transgressão: da identidade de gênero e da sexualidade, uma vez que, além de portar itens do universo feminino, Laerte não se posiciona como homossexual, mas, bissexual. Já Marília Gabriela demanda a Laerte: “Isso [o crossdressing] me passa que não tem nada a ver com sexo. Você é uma pessoa sensual, você se preocupa em fazer sexo? Ou o sexo do crossdresser se resolve no momento em que ele se veste?” Nesta aproximação, apesar de a apresentadora destacar a dissociação entre a identidade trans no crossdressing e o ato sexual, ela propõe um laço da satisfação sexual do crossdresser com o travestir-se, quase numa aproximação fetichista, que Laerte contesta dizendo “não é meu caso”.

Em suma, a partir das categorias de análise em relação ao delineamento das identidades de gênero de Laerte, contido nos discursos dos apresentadores e convidados dos programas De frente com Gabi e Roda Viva, conferimos nas duas entrevistas um esforço, mesmo que indireto, de qualificá-lx como mulher ou homem, feminino ou masculino, heterossexual ou homossexual. Essas adjetivações binárias das identidades

de Laerte vão compor, haja vista que televisão é um discurso (FISKE, 1987), um texto televisivo a ser comunicado aos públicos que terão a oportunidade, de acordo com seus repertórios, de produzirem leituras que condigam com este discurso hegemônico, ou negociadas e de contestação (HALL, 2013), que são capazes de colocar em xeque a perspectiva bifásica proposta para suas identidades de gênero.

Identities de gênero e as auto-narrativas de Laerte no Facebook

A página pessoal de Laerte Coutinho no site de rede social Facebook⁸, ativa desde 6 de maio de 2010, conta com cerca de 4800 amigos e é seguida por mais de 58 mil pessoas. Nela efetuamos um levantamento quantitativo das publicações realizadas entre os meses de março e maio de 2014. Ordenamos as publicações em algumas categorias para facilitar a análise deste meio de comunicação, como reparamos na tabela a seguir:

Tabela1: Categorias de publicação de Laerte Coutinho no Facebook

	Publicações relacionadas às causas LGBTTs	Publicações com outros tipos de reivindicações	Quadrinhos publicados por Laerte	Divulgação de eventos (não relacionados às causas LGBTTs)	Publicações pessoais (não relacionadas à causa LGBTT)	Publicação de amigos e seguidores (com temática LGBT)	Publicação de amigos e seguidores sobre assuntos diversos	Total
Março 2014	20	7	9	6	5	20	36	103
Abril 2014	19	9	13	6	8	3	51	109
Maió 2014	15	8	5	9	7	31	39	114
Total	54	24	27	21	20	54	126	326

Fonte: Os autores

Conferimos que a página se destaca por um forte viés de engajamento político: dentre as 326 publicações analisadas, 132 se relacionam a este tópico (Publicações relacionadas às causas LGBT; Publicações relacionadas a outros tipos de reivindicação; Publicação de amigos e seguidores na página de Laerte sobre causas LGBT). Especificamente às causas LGBT, há 54 publicações feitas por Laerte no período. Por outro lado, ela também possui certa dialogia, já que foram registradas 180 publicações de terceiros na página, das quais 54 são relativas ao movimento LGBT. Isso sinaliza que há um fluxo de informação acerca da temática na página pessoal de Laerte,

⁸Acessível em: <https://www.facebook.com/laerte.coutinho?fref=ts>

sendo um espaço de encontro, discussão, debate e exposição pública das causas LGBT. Ratifica-se, assim, um posicionamento ativista de Laerte neste site de rede social.

No que se refere às análises das auto-narrativas de Laerte sobre suas próprias identidades de gênero, nos meses verificados não identificamos nenhuma publicação em que elx se posicionasse diretamente em relação a isso. Contudo, através de uma aproximação qualitativa, selecionamos algumas postagens para demonstrar, mesmo que não diretamente, como Laerte se posiciona a respeito das identidades de gênero de um modo geral.

Figura 2, 3 e 4:Exemplo de publicações de Laerte Coutinho no Facebook



Fonte: Facebook

No primeiro exemplo Laerte compartilha uma notícia sobre a tentativa de homicídio de uma travesti. Em outra postagem, vemos o artista visual Yuri Tripodi⁹ vestido de biquíni na praia, o que contesta, assim como o crossdressing e os indivíduos trans, as identidades de gênero cerradas. Na última publicação, Laerte compartilha um evento sobre a luta contra a homo/lesbo/bi/transfobia. Assim sendo, apuramos na veiculação dessas postagens que Laerte fundamenta um discurso político acerca do universo LGBTTT, de conscientização e mesmo indignação com as condições pelas quais esse grupo está sujeito.

Patenteia-se o reconhecimento desses ambientes virtuais do Facebook como fortes elementos interativos capazes de gerar um empoderamento aos sujeitos transgêneros. Então, os discursos de Laerte, possibilitados por uma cultura digital potencializadora da comunicação, aproximam-se mais de uma pluralização dos valores hegemônicos do gênero e contêm sua própria voz, estabelecendo um contato mais estreito com outros sujeitos que compartilham desses interesses, como percebemos pelo número razoável de curtidas, comentários e compartilhamentos de suas publicações.

Considerações finais

Pudemos verificar nesse levantamento exploratório que as narrativas sobre as identidades de gênero de Laerte são distintas quando comparamos aquelas de dois programas televisivos veiculados por meios de comunicação tradicionais e a de seu perfil no site de rede social na internet. Nos programas de entrevista De frente com Gabi e Roda Viva, há uma premência em classificar Laerte tendo como base padrões identitários, de gênero e sexualidade já instituídos, cristalizados. Em sua totalidade, assim, essa visibilidade de Laerte não pode ser encarada positivamente, pois há em seu interior o que Hall (2013) descreve como sendo uma *essencialização das diferenças*. Mas, de qualquer modo, a presença de Laerte na mídia também se comuta em ato político, uma vez que expõe publicamente identidades transgressoras. No Facebook, por sua vez, Laerte se mostra muito mais engajadx e politizadx, divulgando e compartilhando discursos que aspiram à mudança de uma situação desfavorável às

⁹ Para saber mais: <http://nadaerrado.com.br/yuri-tripodi-usou-um-biquini-na-praia-e-todo-mundo-olhou-para-ele>.

minorias representativas que ousam violar as normas e padrões socioculturais do gênero e da sexualidade.

Deste modo, Laerte nos remete ao fato de que “estamos constantemente em negociação, não com um único conjunto de oposição que nos situe sempre na mesma relação com os outros, mas com uma série de posições diferentes” (HALL, 2013, p. 385). Trata-se de uma mediação que perpassa os domínios da mídia, das ambiências virtuais e das relações cotidianas com o outro, pela qual nos compomos em nossas particularidades. Laerte demonstra ser exequível um tipo de vivência desviante, mas não sem embates ideológicos e políticos contra sistemas socioculturais que buscam normatizar a todos em um ideal homogêneo.

Retornamos, pois, ao próprio conceito de identidade de gênero. Seria ele capaz de abarcar todas as gradações que a experiência humana suscita? Comportaria as vivências que podemos ter na edificação de múltiplas identidades? Para Hall (2005), elas são pontos de identificação, muitas vezes instáveis, que se processam nos discursos entrecruzados pela cultura e história, não sendo uma essência, mas um posicionamento que nunca é permanente. Deste modo, seríamos capazes de questionar se a busca por uma delimitação das identidades de gênero de Laerte já não seria em si mesma uma restrição à pluralidade da qual se faz.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- DE FRENTE com Gabi 12/02/12 - Laerte Coutinho - Completo. 45'08". Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uxD1xXvQWYM> Acesso em junho de 2014.
- FISKE, John. British Cultural Studies and television. In.: ALLEN, Robert. **Channels of discourse**. University of North Carolina Press: Chapel Hill and London, 1987, p. 254 - 291).
- GARCIA, Marcos Roberto Vieira. “**De sapos e princesas**”: a construção de uma identidade trans em um clube para crossdressers. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, nº 4, 2010, p. 80-104.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LAERTE no Roda Viva. 88'13". Disponível em:<http://www.youtube.com/watch?v=vNT6kWzloWM&list=PL20F20EF556735A67> Acesso em junho de 2014.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

MILLER, Daniel. **Treco, troços, coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: Almeida & Szwako. **Diferenças, igualdade**. São Paulo. Berlendis & Vertecchia, 2009.

VENCATO, A. P. **O que faz uma mulher, mulher?: sexualidade, classe e geração e a produção do corpo e do gênero em homens que praticam crossdressing**. “Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder” no “Simpósio Temático 18: Interseccionalidades e produção de diferenças e desigualdades”, realizado entre os dias 25 e 28 de agosto de 2008, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

VAN DIJK, Teun A. Introdução. In: _____. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.